

Cresce no PMDB a luta para liderar Assembléia

Esquenta a disputa pela liderança do PMDB Constituinte. O deputado Luiz Henrique não abre mão do cargo e, se for preterido, ameaça renunciar à liderança do partido na Câmara. Preocupado, o deputado Ulysses Guimarães insiste na composição em torno de um único nome. O senador Covas, outro pretendente, discorda. Em sua opinião, a disputa faz parte da tradição do PMDB. Ele já está em plena campanha, dedicando-se em plenário e nos gabinetes a um corpo-a-corpo com os constituintes do PMDB.

Com o apoio dos coordenadores das bancadas estaduais, Luiz Henrique deu um ultimato à direção do PMDB: ou atua como líder na Constituinte, mesmo em sistema de rodízio, ou deixa a liderança na Câmara. Ele não quer usufruir apenas das mordomias do cargo. Seus partidários justificam: com a escolha de um líder do governo, com a colocação da Câmara em recesso, e com o não-exercício da liderança na Constituinte, Luiz Henrique ficaria completamente esvaziado.

Em entrevistas, Ulysses diz não ter ainda uma opinião formada sobre a questão. Mas, no PMDB a informação corrente é de que ele prefere Luiz Henrique ou Fernando Henrique. Ou ambos, já que Mário Covas tem sua candidatura articulada por um dos prováveis adversários de Ulysses na sucessão presidencial — o senador José Richa.

O deputado Domingos Leonelli, da esquerda independente, considera a disputa desaconselhável por dividir as forças progressistas. E propõe duas alternativas: um colegiado de líderes na Constituinte, formado pelos senadores Fernando Henrique e Mário Covas e pelo deputado Luiz Henrique ou a escolha de Covas, numa composição, para relator-geral da Constituinte.

Entre as bancadas do PMDB, a campanha já foi desencadeada. Os partidários de Luiz Henrique estão utilizando dois argumentos eleitorais aparentemente eficientes: a grande maioria dos constituintes é formada por deputados,



que deveriam, por isso, ser liderados por um deles; e Mário Covas é paulista. No Congresso, há uma reação ao fato dos principais cargos do Parlamento já estarem com políticos de São Paulo.

Em sua campanha, Covas tenta neutralizar esses argumentos e afirma que na Constituinte todos são

iguais. Não há senadores e deputados, apenas constituintes, e que não são os paulistas que têm muitos cargos, mas um paulista, numa referência à acumulação de postos por Ulysses.

A disputa por espaços entre os diversos líderes do PMDB está se acirrando. Ulysses, por exemplo, após acerto com Luiz Henrique, cancelou a reunião do ministro Dilson Funaro com a bancada do PMDB, irritando a Carlos Santana, autor do convite, que não foi previamente consultado sobre a mudança da programação. Santana também ouviu e não gostou do discurso do primeiro vice-líder João Herrmann, em nome da liderança do PMDB, e tomou satisfação em pleno plenário e recebeu o troco no ato: Santana não é líder do PMDB.

Apesar dos cuidados de todas as lideranças, esses conflitos são cada vez mais frequentes. E a expectativa é de que se acirrem. Carlos Santana já deixou claro, em declarações e atos, que pretende exercer informalmente sua liderança na Constituinte. As resistências no PMDB são enormes. Segundo Mário Covas, isso não tem o menor sentido: «O atual governo e sua oposição são episódicos, enquanto pretendemos elaborar uma Constituição duradoura. Levar o conflito governo/oposição para dentro da Constituinte é totalmente desaconselhável».

No colégio de líderes do PMDB na Câmara, a desenvoltura da atuação de Carlos Santana é cada vez mais criticada. A previsão é de que Luiz Henrique espere apenas a definição sobre a liderança na Constituinte para dar um basta nas ingerências de Santana no que considera sua área de atuação.

Líder oferece solução "prática"

O líder do governo na Câmara, Carlos Santana, afirmou ontem que a liderança do PMDB na Constituinte deveria ser exercida pelos líderes escolhidos pelas bancadas do Senado e da Câmara. Para ele, esta seria uma maneira prática de solucionar o problema, que vem sendo amplamente discutido.

Santana fez questão de frisar que esta é uma opinião do "Constituinte", já que como líder do governo não pode expressar qualquer tendência em relação ao assunto. Ele acrescentou que as bancadas já legitimaram Fernando Henrique Cardoso e Luiz Henrique como seus líderes e que, por isso, pode ser dispensada uma nova disputa interna no partido.

Carlos Santana esclareceu que os dois assumiriam o cargo em esquema de revezamento. Como sugestão, o líder do governo apresentou a proposta de que a escala poderia ser determinada por assunto ou por tempo. "Isso poderia ser levado a uma votação. Creio que a liderança poderia ser assumida por cada um a intervalos de 15 dias, ou então cada um exerceria a liderança durante a discussão de assuntos nos quais possuía maior poder de articulação".

Santana não descartou, no entanto, a hipótese de existir uma nova eleição, na qual concorreria o senador Mário Covas (SP), que já se lançou candidato. "Isso tudo vai depender da bancada e, inclusive, Luiz Henrique poderá abrir concorrência".

ANC 88
Pasta 25 a 28
fev/87
013